Neocolonialismo e atentado terrorista contra estudantes africanos na universidade de Brasília

(*) Lino Vaz Moniz

A colonização do continente africano foi um dos maiores atos terroristas que a humanidade já conheceu. Os estudantes africanos da Universidade de Brasília vivenciaram de perto a reciclagem desse terror em pleno século XXI.

No início do séc. XV, vários homens e mulheres, filhos da grande mãe África, foram arrancados dos seus domicílios; foram chicoteados e submetidos ao trabalho forçado em condições piores que animais de carga e humilhados perante a humanidade. Os terroristas europeus que protagonizaram esse massacre justificaram que tais homens e mulheres, por serem da pela negra, eram intelectualmente incapazes, pois precisavam sofrer um processo de civilização. Daí o racismo foi legalizado no texto da lei e em teorias científicas. Conseqüentemente se tornou cultural, uma vez que, ao longo dos séculos, essa crença se incorporou na consciência coletiva.

Na segunda metade do século XX, homens e mulheres das nações africanas protagonizaram uma heróica luta contra a praga do colonialismo. Os terroristas europeus foram expulsos e os países africanos recomeçaram de zero a reconstruir a nação que foi roubada e destruída durante séculos.

Nesse novo contexto, o racismo foi abolido do texto da lei e anulado como teoria científica. No entanto permaneceu como manifestação cultural na consciência coletiva do povo. Isso reforçou a reciclagem do colonialismo, que se aproveitou ainda do cenário econômico vulnerável, já que a reconstrução dos países colonizados iniciava uma corrida ao progresso distante da linha de largada.

A reciclagem do colonialismo, ou seja, o neocolonialismo, evidencia que o terrorismo contra os países africanos ainda não acabou. Que a luta dos grandes heróis como Amílcar Cabral, Patrice Lumumba, Kwame N?kruma, Samorra Machel e tantos outros ainda continua como legado para as novas gerações.

Os jovens estudantes africanos constituem essa geração. A eles foi depositada a esperança de dar continuidade à luta. Porém permaneceram adormecidos, já que caíram na retórica do imperialismo, de que a exploração colonial acabou e que o mundo se tornou globalizado. De repente, foram acordados na calada da madrugada do dia 28 de março com apartamento em chamas na Casa de Estudante Universitário da Universidade de Brasília. Foram acordados por um ato terrorista que planejou assassinato em massa de 10 estudantes africanos.

Os atores desse ato covarde e extremista manifestaram culturalmente o racismo que no séc XV foi legalizado e sustentado como teoria científica que permanece até hoje na consciência coletiva. É fácil explicar por que isso aconteceu dentro de um campo universitário.

É muito comum estudantes africanos serem questionados nos corredores da Universidade de Brasília com as seguintes perguntas: Você vai ser presidente do seu país quando terminar a universidade? Lá vocês moram em árvore? Tendo em conta que seria ridículo fazer as mesmas perguntas a um conterrâneo brasileiro, é prova de que a teoria que fundamentou o colonialismo, de que a raça negra é inferior, ainda está presente na consciência coletiva. O inconsciente de quem faz a pergunta revela os seguintes pensamentos: Os negros, por serem intelectualmente incapazes, estão distantes do progresso da humanidade. Moram em árvores. Aquele que consegue

chegar à universidade é o mais inteligente e iluminado. No mínimo, se torna presidente do país ao regressar. O desdobramento dessa manifestação cultural racista certamente levou à seguinte questão: Como que alguém intelectualmente incapaz e que mora em árvore freqüenta nossa universidade tirando as nossas vagas?

Naturalmente isso gerou ódio e raiva por parte de grupos racistas que vêm atuando dentro da Universidade de Brasília. Desta vez radicalizaram em um ato terrorista, ao tentar queimar, vivos, 10 estudantes africanos.

Os 10 estudantes que foram alvos do atentado conseguiram escapar. Todos os estudantes africanos ficaram perplexos, se sentindo alvo dos terroristas. O mais grave é os estudantes, de modo geral, entenderam que o atentado foi um caso isolado. Não conseguiram perceber que os grandes heróis e heroínas da libertação dos países africanos como Amílcar Cabral, Tetina Cilá, Patrice Lumumba e tantos outros morreram vítimas de ato terrorista. Não entenderam que o atentado terrorista que sofreram foi a reciclagem do racismo criado no séc. XV como teoria científica para justificar a dominação colonial. Não captaram a mensagem de que os grandes heróis da libertação dos países africanos deixaram o legado de luta para os jovens darem continuidade. Em vez de uma reflexão histórica mais profunda, houve preocupação de terminar o curso e ir embora com o diploma. Daí se entende o porquê que numa audiência pública no Senado Federal, com mais de 20 câmaras de televisão dando cobertura na rede nacional e internacional, os estudantes foram enfáticos em registrar que sofreram um atentado, no entanto alguns cometeram deslize ao pedir desculpas ao Brasil pelo acontecido.

Não cabe pedido de desculpas, uma vez as nações africanas não devem nada a ninguém Muito pelo contrário, devem exigir indenização centavo por centavo pelo massacre a que nossos países foram submetidos durante cinco séculos. Pedir desculpas é humilhar todos os homens e mulheres filhos filhas da mãe África que morreram na luta em prol da liberdade dos povos e não à procura de um diploma. Não dava para esperar muito dos estudantes africanos, uma vez que no dia 28 de março o Brasil parou para protestar contra o racismo, enquanto as redes diplomáticas dos países africanos silenciaram totalmente quanto a um posicionamento público, como que se nada tivesse acontecido ou como que se não houvesse nenhuma representação diplomática dos países africanos no Brasil. Várias autoridades federais brasileiras do poder Legislativo, Executivo e Judiciário chegaram ao campus universitário para se solidarizar com jovens africanos. Nenhuma representação diplomática dos países africanos chegou ao campus universitário para prestar solidariedade de perto e assessorar os estudantes sobre como proceder.

O silêncio das embaixadas pode ser interpretada de três formas: ou os países africanos mantêm uma relação diplomática de submissão de natureza neocolonial com o Brasil que os impede de defender os interesses dos filhos da mãe África; ou as elites dos países africanos estão distantes do povo; ou ambas as coisas.

Jovens africanos, precisamos urgente retomar a agenda da revolução dos grandes homens e mulheres que lutaram pela liberdade das nações africanas. Essa luta ainda não acabou. O atentado terrorista que sofremos no dia 28 de março na Universidade de Brasília foi uma oportunidade para conhecer o cotidiano de luta dos homens e mulheres da pele negra (afro-brasileiros), que constituem mais da metade da população brasileira excluída nas favelas e que sofrem terror no dia-a-dia. Foi a oportunidade de saber como foi sangrenta a luta dos nossos pais a menos de três décadas para expulsar os terroristas colonizadores europeus. Agora é nossa vez de lutar. Levante e conheça a nossa história e seja um soldado de luta pela liberdade e dignidade! Não temos outra escolha! Ou lutaremos para acabar com o racismo e

terrorismo que nos explora no sistema neocolonial ou continuaremos bestas alienadas à procura de diploma!

(*) Lino Vaz Moniz é graduado em Ciência Política e mestre em Tecnologia na Educação pela Universidade de Brasília.